

# Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

29 de abril a 06 de maio de 2022 | [www.abbc.org.br](http://www.abbc.org.br)

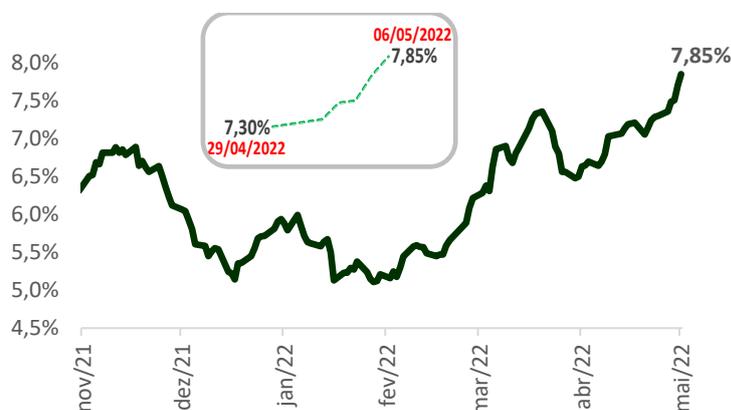


## Céticos aos sinais

Com a persistência das pressões inflacionárias, o Copom elevou a Meta Selic em 1,00 p.p. para 12,75% a.a., entendendo como apropriado que o aperto monetário continue avançando significativamente em território ainda mais contracionista e sinalizando um aumento de menor magnitude na próxima reunião. No que tange ao término do ciclo, conferiu uma abertura para possíveis novas elevações, se o quadro assim requerer. Com um balanço de riscos mais simétrico, mostrou ainda preocupação com os efeitos defasados sobre o ritmo de atividade, dado o estágio avançado do ajuste. No cenário externo, houve fortalecimento do dólar com o ceticismo dos investidores em relação aos sinais emitidos pelo *Federal Reserve* acerca da trajetória da política monetária e do cronograma de redução do seu balanço para que a inflação convirja à meta. Paralelamente, houve elevação do rendimento das *T-Notes* de 10 anos para 3,12% a.a., alimentando as apostas em quadro recessivo mais à frente. O *Dollar Index* subiu 0,68% e o real fechou com depreciação de 2,17%, encerrando a semana cotado a R\$/US\$ 5,08. Ademais, com o forte avanço do dólar e dos preços do petróleo elevaram-se os prêmios ao longo de toda curva de juros, com o *swap* DI prefixado de 360 dias exibindo ganho de 0,35 p.p. aos 13,36% a.a.. Do lado real, com atraso na divulgação e refletindo os crescimentos de 0,7% da indústria e de 2,1% do varejo ampliado, a despeito da retração de -0,2% dos serviços, o IBC-Br apontou alta de 0,34% em fev/22, na série com ajuste sazonal. Já a produção física industrial de março desacelerou a alta de 0,70% em fev/21 para 0,31%. O setor industrial segue enfrentando grandes desafios com o aprofundamento dos gargalos na oferta global e escassez de matérias primas agravadas pelo conflito no Leste Europeu e a edição de novos *lockdowns* na China. As vendas de veículos também exibem resultados fracos em 2022, tanto para veículos novos quanto usados, diante da alta dos juros, elevada inflação e desemprego, além do elevado endividamento das famílias que atingiu recorde de 77,7% em abr/22, segundo a CNC. Nesse contexto, foram vendidas 261,5 mil unidades de veículos novos em abr/22, apresentando retração de -6,8% no acumulado do ano frente ao mesmo período de 2021. Para a semana, é importante monitorar as informações da Ata do Copom, os números para o IPCA, PMC, PMS, indicadores de inflação da China e EUA, produção industrial na Zona do Euro e balança comercial chinesa.

## Expectativas

### Inflação Implícita Em 12 meses



Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

De acordo com o levantamento do Projeções Broadcast para o PIB, SELIC, IPCA e Dólar, divulgado em 06/05, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB era de 0,70% para esse 2022, em 1,00% para 2023 e em 2,00% para 2024, mesmos valores apontados pelo Relatório Focus divulgado em 02/05. Sem sinais de alívio, com a resiliência dos índices de preços correntes e preocupações com a inércia inflacionária, a mediana das estimativas de mercado para o IPCA para esse ano superou em 0,11 p.p. a projeção do Focus, chegando a 8,00%. Para 2023, o horizonte relevante para a política monetária, a mediana das estimativas igualou à estimativa do boletim do Banco Central de 4,10%, reiterando a dificuldade de ancoragem das expectativas inflacionárias mesmo diante do forte ciclo de alta dos juros. Para 2024, a mediana das estimativas para a inflação foi de 3,00%, 0,20 p.p. abaixo do relatório. Já a inflação implícita para o prazo de 1 ano subiu na semana expressivos 0,55 p.p. para 7,85% e 0,47 p.p. para 7,11% para de 2 anos. Mesmo com a sinalização do Copom de uma possível extensão do ciclo de aperto monetário, a mediana das projeções de mercado para a Selic foi de 13,25% a.a. para o término de 2022 e -0,25 p.p. abaixo do último Focus, retornando para 9,00% a.a. no final de 2023. Para final de 2024, o mercado reduziu a mediana das projeções para a Meta Selic em -0,50 p.p. para 7,00%. Por fim, com a elevação de +0,50 p.p. dos juros referenciais e a expectativa de aperto monetário mais agressivo por parte do *Federal Reserve*, as estimativas para taxa de câmbio indicaram o dólar em R\$/US\$ 5,00 para o final deste ano (mesmo valor que no último Focus). As projeções da enquête da Agência Broadcast foram de R\$/US\$ 5,09 ao fim de 2023 (R\$/US\$ 5,04 no Focus) e de R\$/US\$ 5,08 ao término de 2024 (R\$/US\$ 5,00).

## Copom – Mai/22

### Cenário Básico

		Mar/22	Mai/22
<b>Câmbio</b>	2022	R\$ 5,05	R\$ 4,95
	2023	PPC	PPC
<b>Selic</b>	2022	12,75%	-
	2023	8,75%	-
<b>Inflação Copom</b>	2022	6,3%	7,3%
	2023	3,1%	3,4%

Fonte: BCB-Comunicado Copom. Elaboração ABBC

### Taxa de Juros - Meta Selic (a.a.)



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

### Balanco de Riscos da Inflação

#### Baixista

Reversão da alta nos preços das *commodities*

Desaceleração da atividade econômica

#### Altista

Persistência das pressões inflacionárias globais

Incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal

Fonte: BCB-Comunicado Copom. Elaboração ABBC

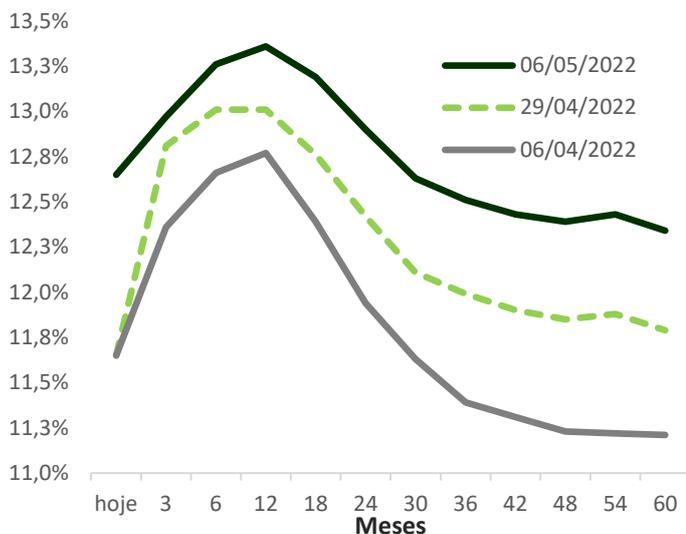
Em linha com as expectativas do mercado, o Copom elevou na semana a Meta Selic em 1,00 p.p. para 12,75% a.a.. Com algum grau de flexibilidade, sinalizou a extensão do ciclo de aperto monetário com um ajuste de menor magnitude na próxima reunião em junho. O comunicado destacou o recrudescimento das pressões inflacionárias de caráter bastante disseminado, tanto nos componentes voláteis quanto entre os itens associados à inflação subjacente, diante do contexto de intensificação dos gargalos nas cadeias de suprimentos globais relacionadas à Guerra na Ucrânia e novos *lockdowns* na China. A resiliência dos preços tem conduzido ainda à elevação das taxas de juros internacionais, ao aperto das condições financeiras e à maior volatilidade nos preços dos ativos, com impacto significativo para as economias emergentes.

Em seu cenário de referência, o Comitê optou pela manutenção da premissa de que o preço do petróleo seguirá aproximadamente a curva futura de mercado até o fim de 2022, encerrando o ano em US\$ 100 o barril. Nesse cenário, o barril passa a aumentar 2% ao ano a partir de janeiro de 2023. Com isso, as projeções apontaram para uma inflação de 7,3% em 2022 e de 3,4% em 2023 – ante 6,3% e 3,1% da reunião anterior, respectivamente. Já as projeções para a inflação de preços administrados foram de 6,4% para 2022 e de 5,7% para 2023. Ademais, com balanço de riscos para a trajetória da inflação de variância maior que o usual, apontou uma maior simetria no que tange às pressões. Como fatores de alta: i) a persistência das pressões inflacionárias globais; e ii) incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal. E como pressões de baixa: i) uma possível reversão da alta dos preços das *commodities*; e ii) a desaceleração da atividade econômica como consequência dos efeitos defasados da política monetária mais restritiva.

Desse modo, o Comitê avaliou que, sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços, a decisão implica ainda na suavização das flutuações do nível de atividade econômica e no fomento ao pleno emprego. Além disso, com o risco de desancoragem das expectativas para os prazos mais longos se acentuando, o Copom vê como apropriado que o ciclo de aperto monetário continue avançando em território ainda mais contracionista e antevê uma extensão do ciclo de aperto que, no entanto, requererá cautela dada a elevada incerteza da atual conjuntura e o estágio já avançado do ciclo de ajuste.

## Taxa de Juros

### Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Refletindo as preocupações com a trajetória da política monetária nos EUA e seus efeitos na cotação do dólar e, também, do impacto do mercado do petróleo sobre os preços dos combustíveis, e por conseguinte, na inflação, a curva de juros futuros encerrou a semana aumentando os prêmios implícitos em todos os vértices.

A taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias exibiu ganho de 0,35 p.p. encerrando a semana aos 13,36% a.a.. Com isso, as taxas de juros dos prazos de 24 e 36 meses elevaram-se em 0,48 p.p. e 0,52 p.p. para 12,90% a.a. e 12,51% a.a., respectivamente. Enquanto as taxas dos vértices de 48 e 60 meses cresceram também expressivos 0,54 p.p. e 0,55 p.p. para 12,39% a.a. e 12,34% a.a., na ordem.

### Swap DI Préfixado – 360 dias (% a.a.)



Já o *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos avançou em 0,08 p.p., de -0,71 p.p. para -0,63 p.p., permanecendo, porém, em território negativo no encerramento do dia 06/05.

### Spread da Taxa de Juros

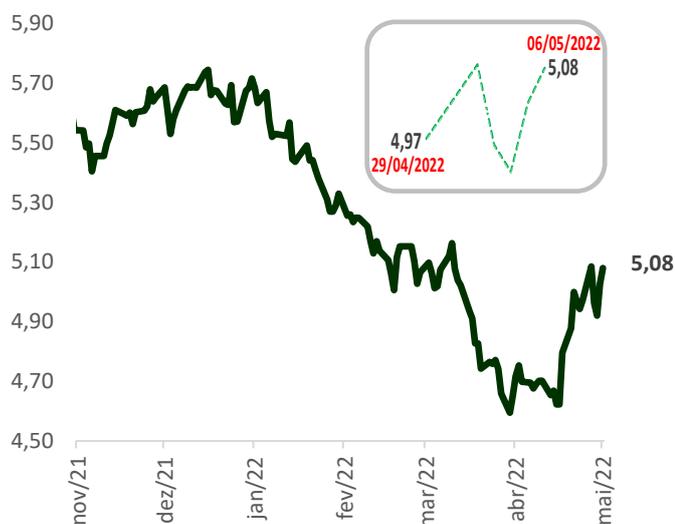
#### Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

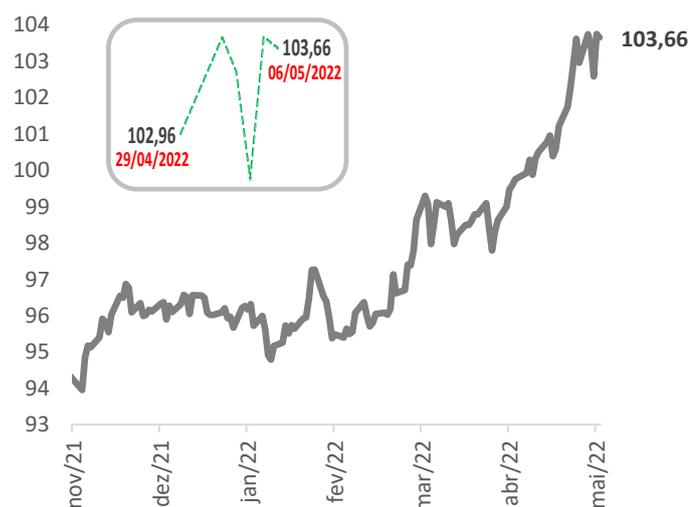
## Câmbio

### Real/US\$



Apesar da elevada volatilidade no período, o dólar fechou a semana com ganhos, tanto em relação às divisas dos países desenvolvidos, como frente às dos emergentes. Houve um certo alívio na semana com a declaração do presidente do Fed, praticamente descartando uma elevação de 0,75 p.p. na próxima reunião, como aventado pelo mercado. Contudo, com o histórico de erros na interpretação no que se refere à persistência inflacionária, logo essa percepção foi dissipada. Assim, ao final da semana, com a criação de vagas acima da esperada para abril, reforçou-se o entendimento de que o mercado de trabalho continua apertado, dando margem a um aperto monetário mais agressivo, o que sustentou a recuperação do dólar.

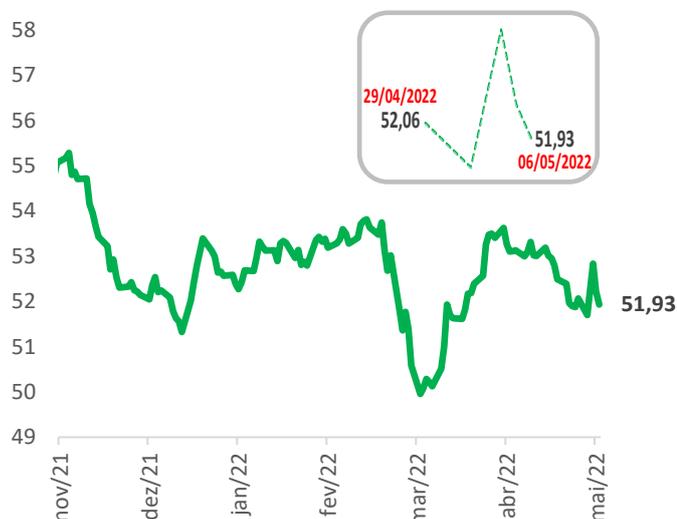
### Dollar Index



Assim, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,68% na semana, refletindo a ligeira apreciação de 0,06% no euro e a depreciação de 1,83% na libra esterlina. Por sua vez, o índice que calcula o desempenho das moedas de países emergente frente ao dólar exibiu queda de -0,25% no período, com destaques para a apreciação de 1,48% no peso mexicano e para as depreciações de 0,86% no peso argentino e de 0,66% na lira turca.

Por fim, o real encerrou a semana com depreciação de 2,17% em relação ao dólar, com a divisa dos EUA cotada a R\$ 5,08, após alcançar R\$ 4,92 na quarta (04/05). Respondendo à forte elevação do dólar na segunda (02/05), quando alcançou R\$ 5,09, o Banco Central ofertou um leilão adicional de *swap* cambial, além da rolagem dos derivativos com vencimento em 01/06/2022. Cabe pontuar que os contratos vencidos em 1º de julho começaram a ser rolados na última sexta-feira (6).

### Índice de Emergentes\*



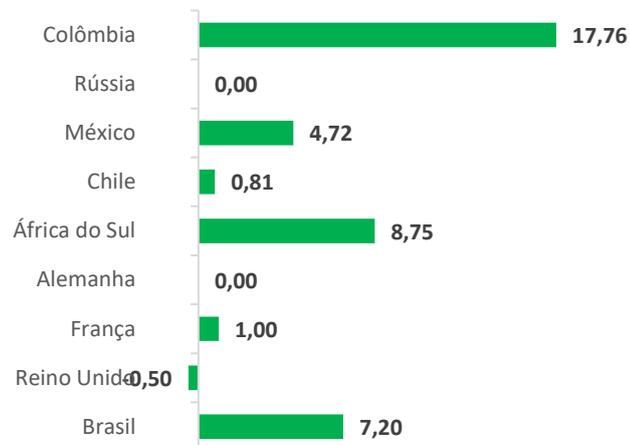
\*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

### Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



Ainda sentindo os efeitos do conflito no Leste Europeu e das sanções impostas à Rússia e digerindo os impactos na decisão e sinalização do comitê de política monetária dos EUA na cotação do dólar, a semana encerrou com deterioração na aversão ao risco nos mercados globais.

Apesar do presidente do Fed praticamente descartar uma alta em ritmo maior (0,75 p.p.), o movimento foi suficiente para sustentar a elevação do rendimento das *T-Notes* com vencimento em 10 anos em 0,23 p.p. para 3,12% a.a., o maior patamar desde 14/11/2018. Em consonância ao aumento da aversão ao risco, a medida de risco soberano brasileira, calculada pelo prêmio do CDS de 5 anos, fechou a semana com alta de 7,2 bps. para 236,8 bps.. O movimento foi em linha com alguns pares emergentes, como as elevações de 17,76 bps. para a Colômbia, de 8,75 bps. para a África do Sul e de 4,72 bps. para o México.

### T-Note 10 anos (% a.a.)



Por fim, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou a semana com alta de 3,46% para US\$ 113,12. O preço tem subido mesmo com o impacto dos *lockdowns* na China na demanda da *commodity* e redução contínua das expectativas de crescimento global, com a guerra no Leste Europeu e o aperto na política monetária nas principais economias. Como explicação, pesou também o fato da OPEP+ manter o ritmo de alta gradual na produção de petróleo em 432 mil barris diários por mês.

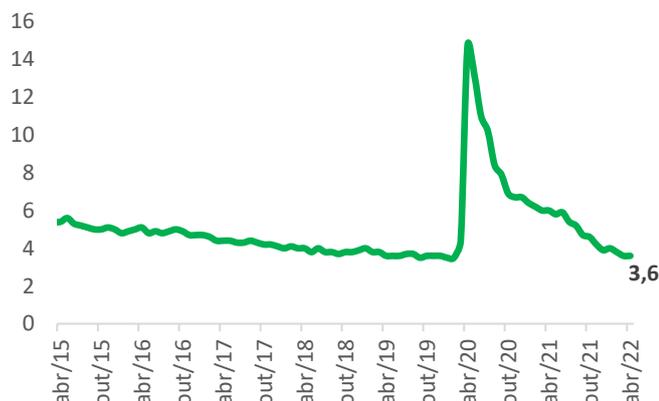
### Petróleo Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## EUA – Mai/22

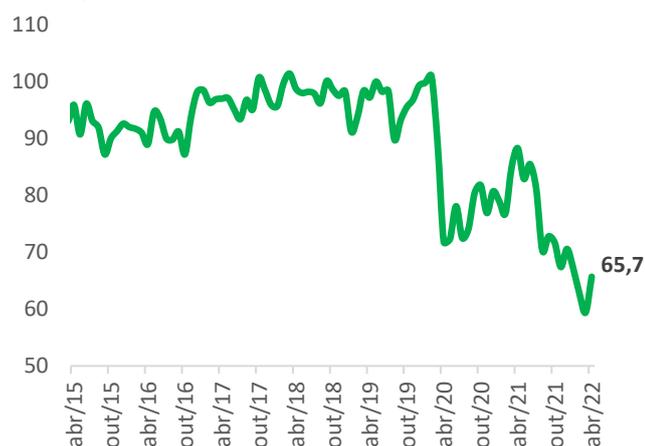
### Taxa de Desemprego (% a.a.)



Fonte: Board of Governors, Fed. Elaboração ABBC

### Confiança do Consumidor (em pts.)

Varição mensal



Fonte: The University of Michigan. Elaboração ABBC

### PMI Composite (em pts.)

Varição mensal



Fonte: Bloomberg/Markit. Elaboração ABBC

Embora a atividade econômica dos EUA tenha se retraído no 1T22, persistem as pressões na inflação corrente advindas dos ganhos salariais e nas expectativas, a resiliência dos gastos de consumo das famílias e do investimento das empresas, conjugadas com os desequilíbrios de oferta e demanda e à elevação dos preços das *commodities* no mercado internacional. Assim, a fim de viabilizar a ancoragem das expectativas, o Comitê de Política Monetária do Fed elevou em 0,50 p.p. a faixa alvo para os rendimentos do *Fed Funds* para 0,75% e 1,00%, movendo-se com maior agilidade para levar os juros reais à taxa neutra. Além desta alta de 0,50 p.p. dos juros, foram indicadas elevações no mesmo montante nas 2 próximas reuniões, descartando-se um aumento mais agressivo de 0,75 p.p. nas 2 próximas reuniões.

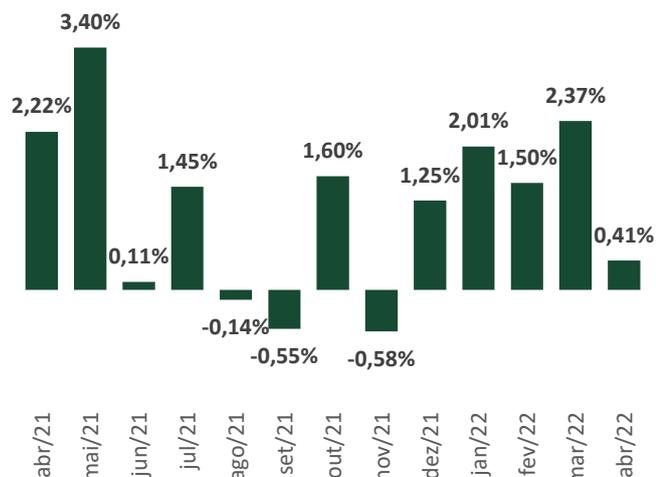
Adicionalmente, o Comitê decidiu iniciar o processo de redução do seu balanço patrimonial com a venda de US\$ 30 bilhões em títulos do Tesouro e US\$ 17,5 bi em títulos hipotecários, acelerando para US\$ 60 bilhões e US\$ 35 bilhões após os 3 primeiros meses.

Com o aumento da velocidade de alta de juros nos EUA para 0,50 p.p., intensificaram-se os temores de que o país possa ingressar em um processo recessivo, apesar da avaliação majoritária dos analistas de que o Fed conseguirá um pouso suave da economia, mesmo com elevações mais firmes dos juros.

Por último, acima do esperado, o mercado de trabalho norte-americano apresentou geração de 428 mil vagas em termos líquidos em abril. Houve, contudo, revisão dos números de março (de 431 mil para 428 mil) e fevereiro (de 750 mil para 714 mil). Já a taxa de desemprego demonstrou estabilidade em 3,6% no mesmo mês. O índice de gerente de compras, *PMI Composite*, norte-americano teve queda de -1,7 pts. na margem para 56,0 pts em abr/22, refletindo a retração de -2,4 pts. no indicador de serviços e aumento de +0,4 pts. nas perspectivas para o setor industrial.

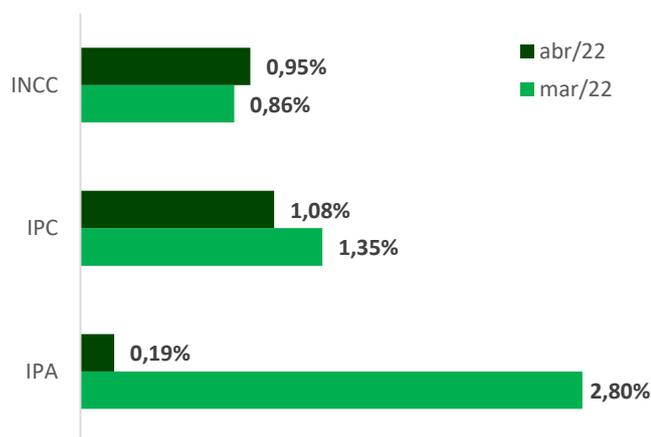
## IGP- DI – Abr/22

### Variação Mensal



Arrefecendo em relação ao mês de março (2,37%), o IGP-DI variou 0,41% em abril, acumulando alta de 6,44% no ano e de 13,53% em 12 meses (13,57% a.a. em mar/22 e 33,46% a.a. em abr/21). Abaixo da esperada pelo mercado (0,7%), a inflação no mês contou com o arrefecimento dos preços dos combustíveis e a deflação das *commodities* agrícolas e do minério de ferro. Apesar da surpresa baixista, os preços no atacado deverão continuar pressionados no curto prazo.

### Variação Mensal Por grupo



O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) expandiu-se 0,19% no mês (2,80% em mar/22), beneficiado pela desaceleração nos custos com o Diesel (de 16,86% para 6,87%) e a gasolina (de 12,69% para 5,36%), além da retração observada nos preços da soja (de 3,48% para -8,02%), do milho (de 1,49% para -9,82%) e do minério de ferro (de 2,82% para -3,90%). Por estágios de processamento do IPA, a taxa dos bens finais variou de 3,64% para 2,01%, com destaque para os alimentos processados (de 4,03% para 1,84%). Também com menor pressão em relação ao mês anterior, devido principalmente ao subgrupo de combustíveis e lubrificantes para produção (de 12,90% para 3,17%), a variação dos bens intermediários passou de 3,19% para 1,80% em abril. Com deflação de -2,96% no mês (1,73% em mar/22), o estágio de matérias-primas brutas foi favorecido pela retração nos preços de soja, minério de ferro e milho. Em contrapartida, os custos com leite e aves continuam aumentando.

### Evolução Anual



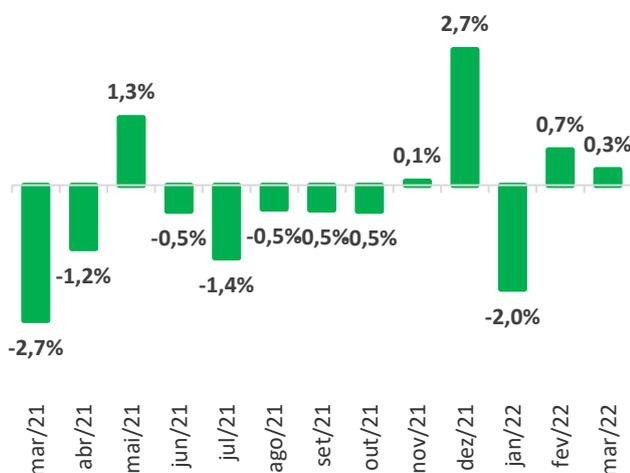
Com a contribuição da energia elétrica, cuja taxa variou de 1,60% para -6,78%, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) desacelerou de 1,35% para 1,08% em abril, com 3 das 8 classes de despesas componentes registrando decréscimo em suas taxas, com destaques para: Habitação (de 1,23% para -0,69%), Alimentação (de 1,99% para 1,58%) e Transportes (de 2,51% para 2,13%). A gasolina, que subiu menos na passagem mensal (de 5,08% para 3,19%), também contribuiu para o arrefecimento do indicador. O índice de difusão do IPC ficou em 77,7%, 1,3 p.p. abaixo do registrado em mar/22 (79,0%).

Finalizando, o Índice Nacional da Construção Civil (INCC) subiu 0,95% em abril, ante 0,86% no mês anterior, impulsionado por materiais, equipamentos e serviços, enquanto os custos com mão de obra arrefeceram.

Fonte: FGV. Elaboração ABBC

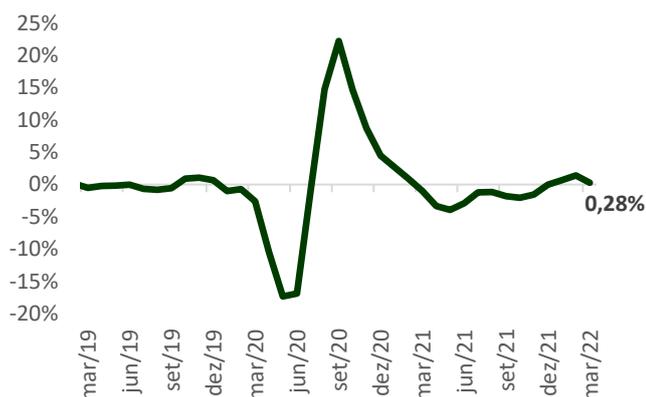
## Produção Industrial – Mar/22

### Variação Mensal Série com ajuste sazonal



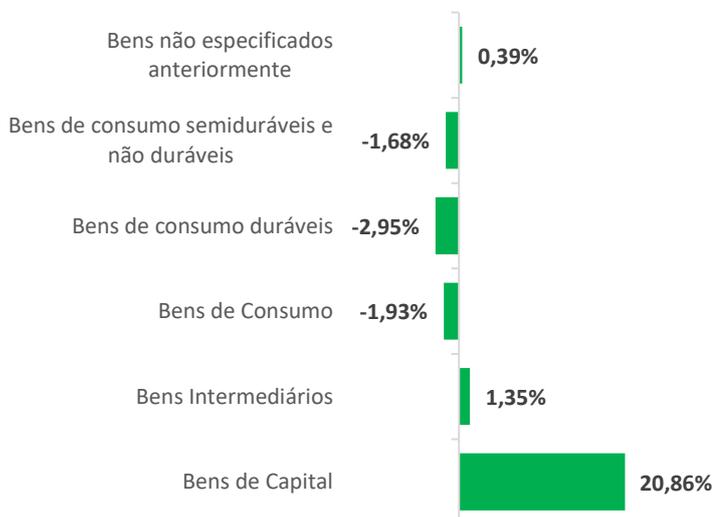
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

### Variação Trimestral Série com ajuste sazonal



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

### Variação Anual Acumulada em 12 meses – por categoria de uso



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Após alta de 0,70% em fev/22, o índice da produção industrial mensal (PIM) de março registrou elevação de 0,31%, na série com ajuste sazonal. O resultado do mês foi influenciado pelo crescimento de 0,91% na indústria extrativa mineral. A indústria de transformação, por sua vez, recuou -0,63% na margem. Com o resultado de março, a variação da média móvel dos últimos 3 meses saiu de uma alta de 0,42% em fev/22 para -0,36% em março, refletindo ainda a forte contração verificada em janeiro desse ano. Na comparação com o trimestre imediatamente anterior foi registrada alta de 0,28% no 1T22.

Ademais, após alcançar -6,90% a.a. em jan/22, a variação anual do índice acumulado em 12 meses encerrou em -1,68% a.a. em mar/22. Na mesma base comparativa, considerando-se a abertura por categoria de uso, houve retrações nos grupos de bens de consumo duráveis (-2,95% a.a.), semiduráveis e não duráveis (-1,68% a.a.) e bens de consumo (-1,93% a.a.). Os destaques positivos ficaram para bens de capital, com alta expressiva de 20,86% a.a., apesar da trajetória de desaceleração. Vale ainda destacar a elevação de 1,35% a.a. em bens intermediários e de 0,39% a.a. em bens não especificados.

Na comparação com 2021, o setor ainda acumula perda de -4,5% no 1T22. A indústria enfrenta ainda grandes desafios na recuperação com o aprofundamento dos gargalos na oferta de caráter global e escassez de matérias primas, influenciando negativamente os custos de produção. Reforçam o cenário desfavorável, a redução da renda disponível dos trabalhadores, a corrosão do poder de compra pela inflação elevada e o encarecimento do crédito via elevação das taxas de juros.

## IBC-Br - Fev/22

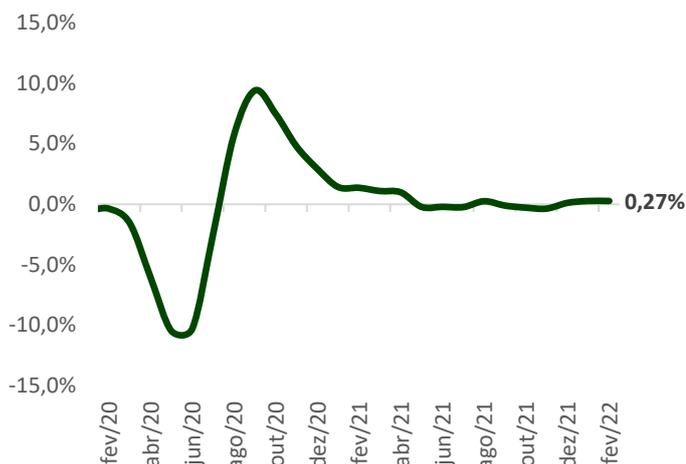
### Varição Mensal Série dessazonalizada



Na série dessazonalizada, o índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-Br) de jan/22 foi revisado de modo que se teve uma alteração de uma queda de -0,99% para -0,73%. Em fevereiro, o indicador voltou a apresentar um crescimento razoável em fevereiro, avançando 0,34% na margem.

Na comparação com o trimestre anterior, o trimestre móvel fechado em fevereiro terminou com alta de 0,27%. Na análise interanual a economia cresceu 0,66% em fev/22, com expansão de 4,82% em 12 meses (4,76% em jan/22 e -4,24% em fev/21).

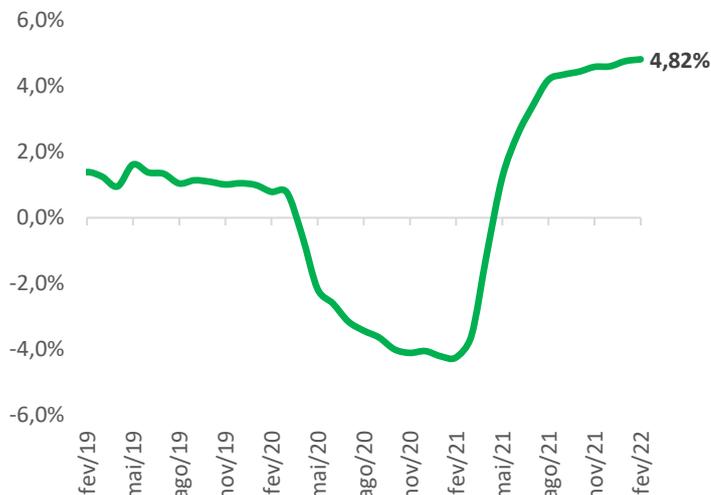
### Evolução Trimestral Série dessazonalizada



O índice reflete as altas, em fev/22, de 0,70% na indústria e de 2,05% do varejo ampliado (inclui veículos e materiais para construção), enquanto serviços mostrou queda de -0,22%, possivelmente afetado pela onda da Ômicron, a despeito da reabertura da economia. O número para fevereiro deixou um *carry over* de -0,1% para o 1º trimestre, mas o cenário mais provável é que seja um número positivo.

A evolução da atividade para 2022, todavia, continua cerceada pelos problemas nas cadeias de suprimentos, com impactos direto na indústria, cenário agravado pelos conflitos no Leste Europeu e *lockdowns* na China. Pelo lado da demanda, a combinação de inflação, juros, desemprego e endividamento das famílias elevados atestam um cenário nada favorável para o consumo.

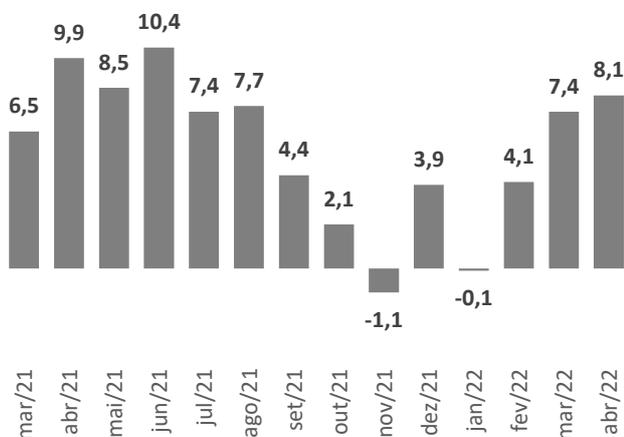
### Varição Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

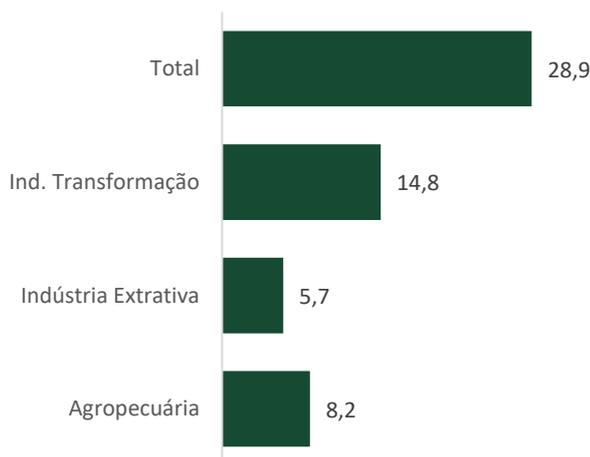
## Balança Comercial – Abr/22

### Saldo Mensal Em US\$ Bilhões



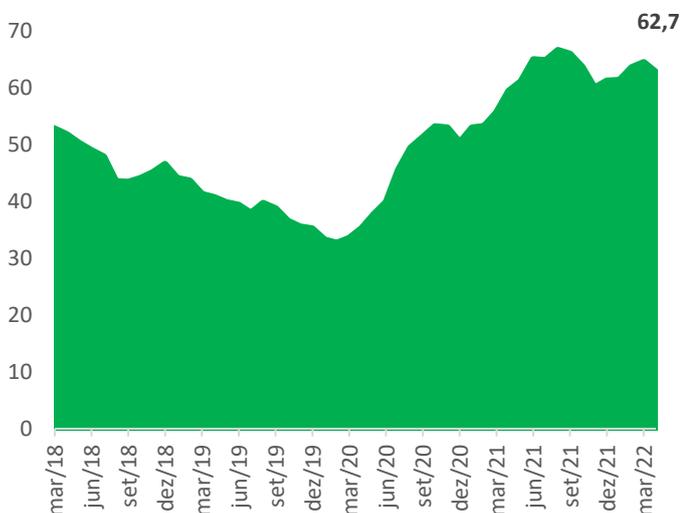
### Exportações Mensal

Por atividade econômica – US\$ Bi



### Acumulado em 12 meses

Em US\$ Bilhões



Impulsionado pelo aumento dos preços da pauta exportadora, o que pode se estender até o fim do ano, o saldo da balança comercial fechou abril com superávit de US\$ 8,1 bilhões, configurando queda de -13,9% em relação a abr/21. O movimento decorreu de US\$ 28,9 bilhões em exportações, recorde para o mês, enquanto as importações somaram US\$ - 20,8 bilhões, com destaque para os desembarques de combustíveis, fertilizantes e adubos. No período, o valor dos embarques cresceu 16,7%, e o das compras externas, 35,7%, com os preços subindo 19,9% na exportação e 34,4% na importação, na análise pela média diária. Além das pressões resultantes da guerra no Leste Europeu, a dinâmica pode ser intensificada pelo impacto dos *lockdowns* na China.

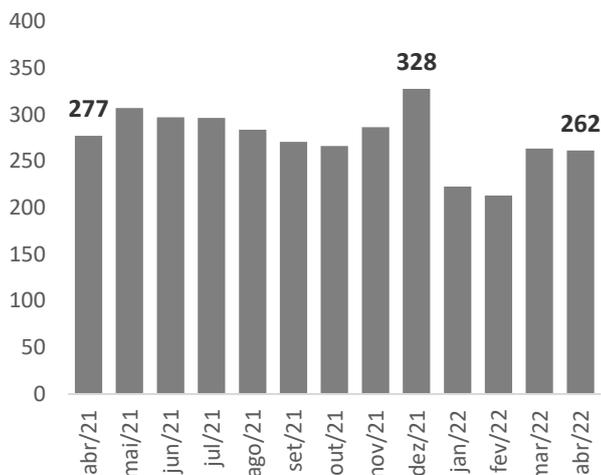
Os volumes comercializados, por sua vez, caíram nas duas pontas, com quedas de -8,0% nas exportações e de -6,9% nas importações, variações também na média diária. Analisando-se as exportações por setor, destaque mensal para o crescimento de 35,0% da indústria de transformação (US\$ 14,83 bilhões), seguido pelo aumento de 12,7% na agricultura (US\$ 8,24 bilhões), enquanto a indústria extrativa recuou -10,2% (US\$ 5,69 bilhões).

No acumulado do ano, o superávit comercial somou US\$ 19,9 bilhões (10,5% ante igual intervalo de 2021), fruto de US\$ 101,2 bilhões em exportação (23,8%) e US\$ -81,2 bilhões em importação (27,6%). A corrente de comércio totalizou US\$ 182,4 bilhões no período, com avanço de 25,5% em relação a iguais meses de 2021. Em 12 meses, o saldo comercial em abril totalizou US\$ 62,7 bilhões, o equivalente a um avanço de 5,5% a.a..

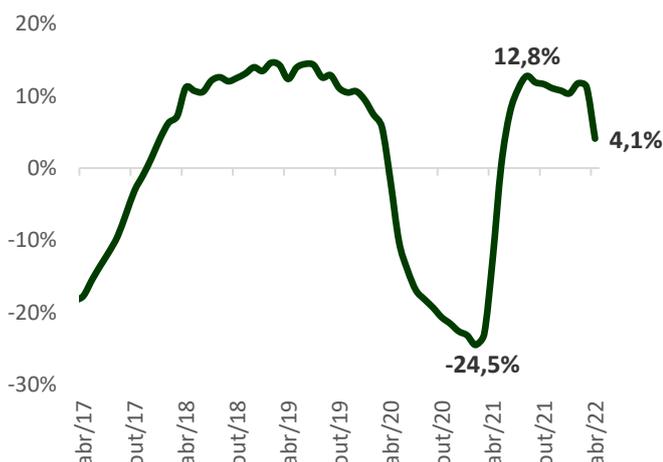
Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

## Veículos - Abr/22

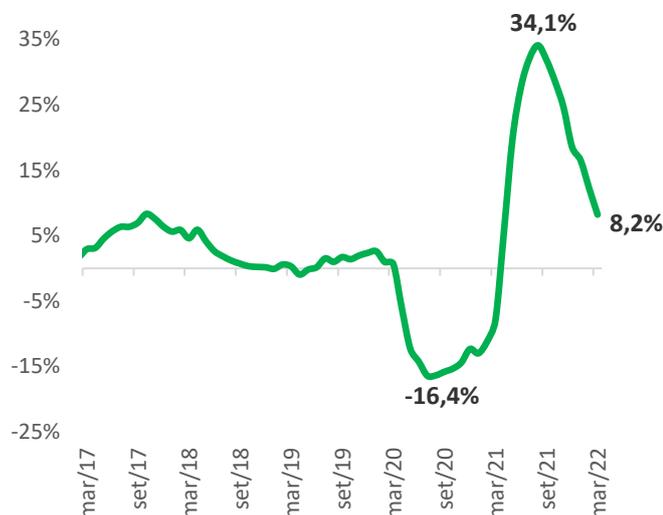
### Vendas Veículos Novos no Mês No mercado interno – em mil unidades



### Vendas Veículos Novos: Variação Anual Acumuladas em 12 meses



### Vendas Veículos Usados: Variação Anual Acumulada em 12 meses



O desempenho insatisfatório observado nas vendas de veículos novos começa também a ser observado no segmento de carros usados. Do lado da oferta, estão mantidas as dificuldades com o fornecimento de insumos na cadeia produtiva, especialmente em semicondutores, o que foi agravado pelo cenário global com o conflito no Leste Europeu.

Pelo lado da demanda, ressalta-se a queda real da renda, intensificada com a elevação da inflação corrente, o fraco dinamismo de recuperação do mercado de trabalho, o endividamento das famílias e comprometimento da renda em níveis recordes, em meio ao ciclo de aperto monetário.

Nesse contexto, foram vendidas 261,5 mil unidades de veículos novos em abril ante 263,7 mil no mês anterior (277,2 mil em abr/21). Com isso, o acumulado do ano apresentou contração de -6,8% frente ao mesmo período do ano anterior.

No mercado de usados, com os dados de março, foram vendidas 1.080,0 mil unidades contra 832,6 mil no mês anterior e 1.230,3 mil unidades em mar/21. Com isso, o primeiro trimestre de 2022 fechou com queda de -22,7% em relação ao trimestre anterior e de -22,9% frente ao mesmo período de 2021.

Por fim, considerando a evolução anual das vendas acumuladas em 12 meses, observou-se comportamento semelhante entre novos e usados, com ambas as séries mostrando tendência cadente. Assim, a variação anual das vendas acumuladas de novos veículos encerrou abril com alta de 4,1% ante 11,3% em mar/22 e queda de -12,6% em abr/21.

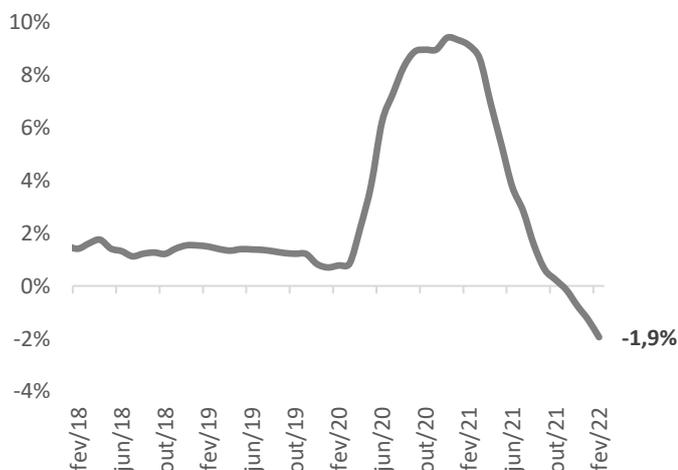
Na mesma base comparativa, em março, a variação das vendas acumuladas de veículos usados fechou em 8,2% contra 12,3% no mês anterior e contração de -8,0% em mar/21.

Fonte: Fenabrave. Elaboração ABBC

## Fiscal - Fev/22

### Resultado Primário

Acumulado em 12 meses – em % do PIB

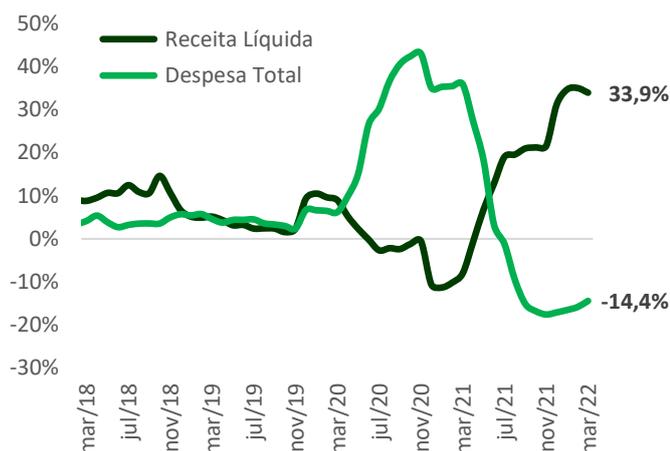


Em fevereiro, o setor público registrou superávit primário de R\$ 3,4 bilhões ante um superávit de R\$ 101,8 bilhões no mês anterior e um déficit de R\$ 11,7 bilhões em fev/21. O resultado do mês foi composto pelos superávits de R\$ 15,6 bilhões nos estados, R\$ 4,6 bilhões nos municípios e de R\$ 2,5 bilhões nas empresas estatais, além do déficit de R\$ 19,2 bilhões no governo central.

Com isso, o resultado primário acumulado em 12 meses em relação ao PIB manteve trajetória de recuperação, encerrando com superávit de 1,9% ante um déficit de -9,1% em fev/21. Ainda em relação ao PIB, a parcela dos juros nominais subiu de 4,2% em fev/21 para 6,1% e o déficit nominal fechou em 4,1% contra 13,3% em fev/21.

### Variação Anual

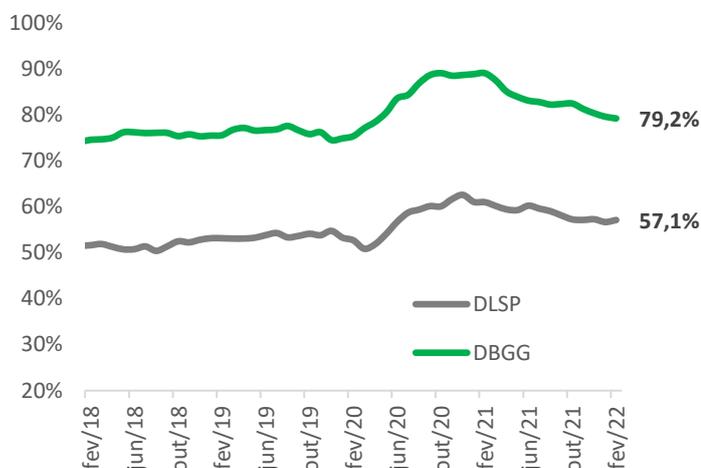
Acumulado em 12 meses



O bom comportamento do resultado primário segue baseado na elevação das receitas líquidas, cuja variação anual das receitas acumuladas em 12 encerrou março com crescimento de 33,9% ante 35,0% em fev/22 e queda de -8,0% em mar/21. Ainda de positivo, no sentido inverso, a variação anual das despesas totais acumuladas em 12 meses se mantém em campo negativo desde jul/21 (-1,2%), fechando com retração de -14,4% contra queda de -15,9% no mês anterior e alta de 35,9% em mar/21.

### Evolução da Dívida

Acumulado em 12 meses – em % do PIB

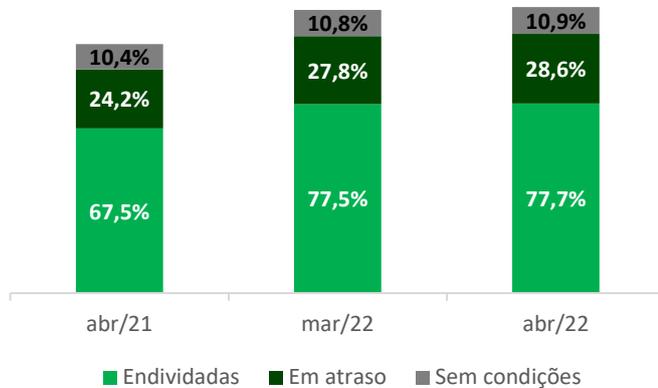


Por fim, em fevereiro, a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) acumulada em 12 meses em relação ao PIB apresentou queda marginal de -0,4 p.p. para 79,2% contra 89,0% em fev/21. O resultado do mês pode ser explicado pelo crescimento nominal do PIB (-0,7 p.p.), valorização cambial (-0,2 p.p.), resgates líquidos de dívida (-0,1 p.p.) e juros nominais (+0,6 p.p.). Por outro lado, a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) subiu 0,4 p.p. na margem para 57,1% do PIB contra 61,0% do PIB em fev/21.

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

## Endividamento e Inadimplência do Consumidor – Abr/22

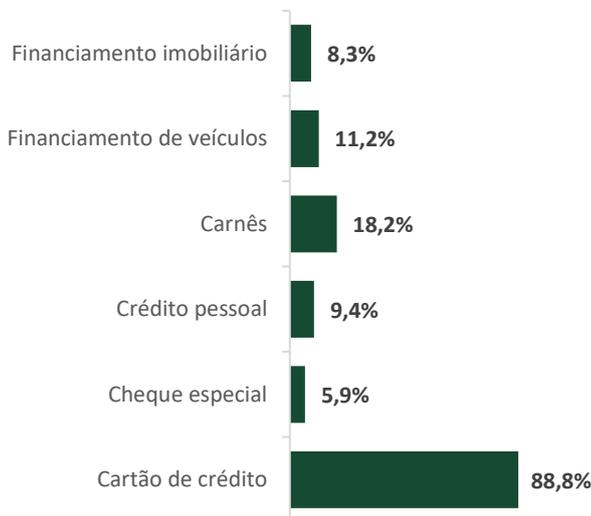
### PEIC (%) Variação Mensal



Apurado em pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), o percentual de famílias endividadas alcançou 77,7% em abril, o que representou um novo recorde para a série. Em mar/21, o índice era de 77,5% e em abr/21 de 67,5%.

Em pico histórico, a proporção de famílias com dívidas ou contas em atraso também atingiu 28,6% do total, com alta mensal de 0,8 p.p. e de 4,4 p.p. acima do nível observado em abr/21. No mesmo sentido, a fração que declarou não ter condições de honrar suas dívidas ou contas em atraso, e, portanto, permanecerá inadimplente, atingiu 10,9%, alta de 0,1 p.p. na margem e de 0,5 p.p. em 12 meses.

### Tipo de Dívida (% Total)



A inflação persistentemente elevada e disseminada, com o IPCA em 11,3% a.a., traz o risco da utilização do crédito para a recomposição da renda e manutenção do nível de consumo. Apesar dos custos elevados, o cartão de crédito segue como o principal tipo de dívida, citado por 88,8% dos endividados (87,0% em mar/22 e 80,9% em abr/21).

Por fim, vale mencionar o comprometimento da renda que segue em trajetória ascendente. Considerando o percentual de famílias com mais de 50% da renda comprometida, observou-se altas de 0,6 p.p. na margem e de 1,5 p.p. em 12 meses, totalizando 21,5%. Cabe destacar que o cenário não deve ser alterado, as taxas de juros nos empréstimos devem seguir em elevação, reagindo à deterioração da aversão ao risco e aos novos choques nos preços ao consumidor.

### Comprometimento da Renda

% dos endividados - comprometimento superior a 50%

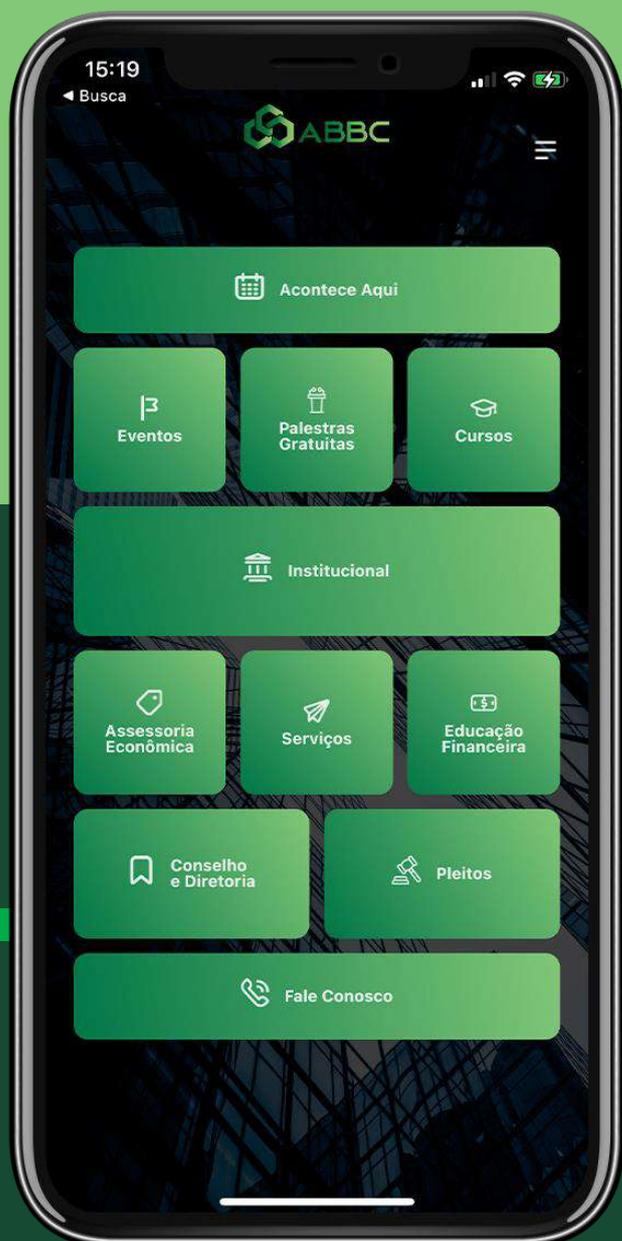


Fonte: CNC. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	0,6	1,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	7,8	4,1
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,25	9,25
<b>Setor Externo e Câmbio</b>					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	64,0	51,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-20,6	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	59,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,0	5,0
<b>Fiscal</b>					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,5	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-7,6	-7,1
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,3	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	85,5	86,0

Fonte: ABBC



## Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO  
**Google Play**



Disponível na  
**App Store**



## Assessoria Econômica



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688